



Percursos de Miguel Ramos (1932-1991) na arqueologia: síntese e perspetivas

Ana Godinho Coelho*, Inês Pinto* e Ana Cristina Martins**

p. 145-160

«Creio ser da maior conveniência e oportunidade pensar-se na preparação do pessoal científico e na ampliação da Secção de Pré-história, em moldes que permitam responder convenientemente às exigências, cada vez maiores, dos diversos problemas arqueológicos das nossas Províncias Ultramarinas.» (Arquivo, IICT, 1970)

Início: 1960-1969

Miguel António Pires da Fonseca Ramos terminou em 1961 a licenciatura em Ciências Geológicas, na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (FCUL) e fez estágio curricular nos Serviços Geológicos de Portugal, cujo relatório final, “Contribuição para o estudo geológico da região de Ponte de Sor”, foi classificado com 18 valores e publicado pouco depois (Ramos, 1966).

Por sugestão do Professor Carlos Teixeira (1910-1982), diretor do Centro de Estudos de Geologia da FCUL, começou a aprofundar os seus conhecimentos na área da geologia do quaternário e da pré-história recorrendo, para isso, às coleções dos Serviços Geológicos de Portugal e à secção de pré-história do Centro de Estudos de Antropobiologia (CEA) da Junta de Investigações do Ultramar (JIU). Foi aqui que contactou, pela primeira vez, com o geólogo José Camarate França (1923-1963), que foi membro da equipa da Missão Antropobiológica de Angola (MAA) e que incidiu a sua investigação no Paleolítico de Angola (França, 1952 e 1964).

Depois de uma breve passagem pelo ensino liceal, enquanto docente da Escola Industrial Marquês de Pombal (1961-1962) e do Liceu D. João de Castro (1962-1963), do estágio no Centro de Estudos de Geologia Pura e Aplicada (1962-1963) e da realização de alguns trabalhos sobre a pré-história da zona de Reguengos de Monsaraz (Ramos, 1968), M. Ramos foi admitido no CEA da JIU. Enquanto investigador estagiário, foi coordenado pelo Professor António de Almeida (1900-1984), chefe de várias missões científicas ao Ultramar português e diretor do CEA. Em 1963, seguiu para Paris com uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian (FCG), onde se especializou, com distinção, em arqueologia pré-histórica na

* Fundação para a Ciência e a Tecnologia/Instituto de Investigação Científica Tropical – Universidade de Lisboa. Projeto financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Portugal). Duas bolsas de investigação atribuídas, com as referências: SFRH/BGCT/52440/2014 e SFRH/BGCT/52441/2014.

** Fundação para a Ciência e a Tecnologia/Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Texto produzido no âmbito da Bolsa de Investigação SFRH/BDP/105375/2014, atribuída pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Portugal), com o apoio financeiro do Fundo Social Europeu.



Figura 004 – Apontamentos de M. Ramos da disciplina “Introdução ao estudo da metodologia em Pré-história”, a cargo da Professora Laming-Empeaire. Faculdade de Letras e Ciências Humanas, Universidade de Paris, 1964. Arquivo IICT.



Figura 005 – Pormenor do campo escola de Pincevent, onde M. Ramos participou em escavações (segundo Leroi-Gourhan e Brézillon, 1972).

Universidade de Paris (Sorbonne), apresentando o relatório final “La religion préhistoric – definition des méthodes de recherche au Paleolitique”.

Na cidade das Luzes, aperfeiçoou conhecimentos em paleontologia humana, geologia do quaternário, arqueologia e pré-história africanas e recolheu elementos científicos para a elaboração de um atlas da pré-história de África. Foi ainda aluno titular da Escola de Altos Estudos de Paris (3^{ème} cycle) onde, no ano seguinte, se inscreveu no doutoramento. Em 1965, participou em escavações de materiais pré-históricos no campo escola de Pincevent da Universidade de Paris, aí se familiarizando com as mais modernas metodologias de trabalho.

Aquando da sua permanência em Paris, M. Ramos fez vários estágios complementares à sua formação, com especial destaque para o laboratório de pré-história (tipologias e técnicas de indústrias líticas), Museu do Homem, Centro de Documentação de Pré-história e de Geologia e Paleontologia do Quaternário e Laboratório de Morfologia do Instituto de Geografia de Paris, Laboratório de Paleontologia da Sorbonne, Departamento de Pré-história do Museu Real da África Central de Tervuren e Museu Nacional de Copenhaga.

Em 1966, e já depois de iniciados os seus trabalhos no CEA, M. Ramos regressou a Paris para formalizar a sua inscrição no doutoramento em antropologia pré-histórica, na Sorbonne, sob a direção do Professor André Leroi-Gourhan (1911-1986).

Entretanto, por despacho ministerial datado de 5 de agosto de 1966, foi deferida a primeira Missão de Estudos Arqueológicos no Sudoeste (SW) de Angola (MEASA) «[...] que autoriza a deslocação a Angola do Dr. Miguel

Ramos do Centro de Estudos de Antropobiologia, com encargo pelas verbas do Instituto de Investigação Científica de Angola.» (Arquivo IICT, 1966). Partiu, então, para Angola em setembro do mesmo ano, ali permanecendo cerca de seis meses.

O SW era uma região que «[...] desde o final do século passado [...] tem atraído a atenção de pré-historiadores e dos curiosos das coisas arqueológicas. É já grande o número dos que dela têm dado conhecimento.» (Ramos, 1967: 1).

Às contribuições, entre outros de Paul Choffat (1849-1919) (Choffat, 1888), Fernando Mouta e Camille Arambourg (1885-1969) (Arambourg e Mouta, 1952), António de Almeida



Figura 006 – Autorização ministerial para a deslocação de M. Ramos a Angola, no âmbito da MEASA, 1966. Arquivo IICT.

(Breuil e Almeida, 1964), Camarate França (França, 1952) e Desmond Clark (1916-2002) (Clark, 1966), M. Ramos pretendia acrescentar o estudo das estações arqueológicas reconhecidas pelas missões anteriores¹, a identificação de novos sítios e, sobretudo, a realização de uma escavação «[...] *sistemática em local cuja estratigrafia ofereça a possibilidade de estudo da evolução regional (paleoclimática, cultural, paleontológica, etc).*» (Ramos, 1967: 1).

No decorrer da MEASA, M. Ramos procedeu à identificação, entre outras, de três importantes estações arqueológicas localizadas na carta 1:100 000 na folha 355: Capangombe Velho (355-7), (ou Caconge), Santo António (355-10) e Santo António, Capangombe (355-11) que lhe permitiram obter um melhor conhecimento dos depósitos sedimentares, a sua origem e evolução na região (Ramos, 1967).

De todos os sítios então identificados, a estação de Capangombe Velho (355-7) foi a única alvo de escavação sistemática, nela se recolhendo, ao longo de dois níveis arqueológicos principais, mais de 101 mil artefactos líticos cujas características tipológicas² lhe possibilitaram um novo olhar sobre os estádios culturais do Paleolítico de Angola (Coelho *et alia*, 2014). Concluiu, ademais, que, não obstante a necessidade de estudos complementares,



Figura 007 – Capas de livros sobre Pré-história de África, base do trabalho de M. Ramos.



Figura 008 – Mapa com a distribuição das 27 estações arqueológicas identificadas por M. Ramos no decorrer da MEASA. Note-se a concentração de estações no sopé da Serra da Chela, onde foram recolhidos milhares de artefactos líticos.

¹ Note-se que as Missões Antropobiológicas de Angola (MAA), que decorreram entre 1948 e 1955, não tiveram um carácter arqueológico e por isso as recolhas de artefactos foram apenas superficiais, muitas vezes sem contexto preciso.

² Salientamos que ainda não foi feito um estudo exaustivo dos artefactos recolhidos, atendendo à sua quantidade, pelo que estes resultados são apenas parciais.

«[...] a existência de pelo menos, duas fácies da M.S.A. parece indiscutível, bem como que a sua morfologia parece não se enquadrar em nenhum dos padrões mais ou menos consagrados para a África austral.» (Ramos, 1981: 34). Assim, comparando os resultados das escavações da gruta da Leba, efetuadas pelo geólogo J. Camarate França, entre 1950 e 1953, e os obtidos em Capangombe Velho, mesmo que parciais, verifica-se que M. Ramos se debateu por uma diferenciação regional, chamando a atenção para o fato de o SW de Angola ter alcançado condições propícias ao estabelecimento de comunidades pré-históricas (Ramos, 1970); (Matos, 2012).

Por outro lado, debruçou-se sobre o estudo dos artefactos líticos recolhidos em Santo António, Capangombe (355-11), que lhe permitiram rever as tipologias das achas, ou machados de mão (Tixier, 1957), bastante bem representados³ no contexto global da estação, dividindo-as em sete tipos, baseados na complexidade dos métodos de talhe aplicados (Ramos, 1974 e 1980).

Em janeiro de 1967, e ainda no contexto da MEASA, foram identificadas as pinturas de arte rupestre da estação de Monte Negro, junto ao rio Cunene, dispersas por «[...] vários painéis gravados, com figuras bastante patinadas, confundindo-se com a coloração geral do afloramento.» (Ramos, 1979a: 12), mas, ainda assim, capazes de revelar vários aspetos da evolução cultural do SW de Angola, nomeadamente ao nível da vida quotidiana das populações que aqui permaneceram.

Note-se que ao longo dos cerca de quarenta anos de atividade das missões científicas nos Trópicos, em termos quantitativos, é no SW de Angola que se encontra identificado o maior número de estações arqueológicas do Paleolítico. Assim e com base nas informações disponíveis, M. Ramos e a sua equipa partiram de Luanda, de jipe, em direção a Sá da Bandeira (atual Lubango) tentando observar, sempre que possível, as estações identificadas pela MAA. De acordo com a rede viária existente à época, podemos inferir dois eventuais percursos: um, mais próximo da costa e mais rápido, e um outro, pelo interior de Angola, coincidindo com mais estações descobertas pelas anteriores missões. A partir daqui sabe-se, com certeza, que os membros da equipa seguiram de Sá da Bandeira para oeste, em direção a Moçâmedes (atual Namibe). Aqui chegados visitaram as regiões de Porto Alexandre, Virei e Oncócuá.

Em 1967, M. Ramos é nomeado diretor da secção de pré-história da JIU, escreveu artigos científicos sobre os resultados das suas investigações em Angola e participou em congressos e demais científicas, nacionais e internacionais, a exemplo, em 1969, do Congresso da *International Union for Quaternary Science* (INQUA) e das I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueó-



Figura 009 a, b – Representação de figura zoomórfica (?) das gravuras rupestres da estação de Monte Negro (Ramos, 1979a) e xilogravura da figura zoomórfica, IICT.

³ As recolhas superficiais na estação de Santo António, Capangombe (355-11) resultaram em 1.776 artefactos, dos quais 196 são achas, ou machados de mão.

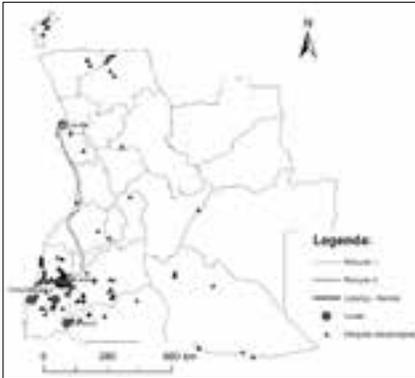


Figura 010 – Percursos seguidos pela equipa da MEASA entre 1966 e 1967.

logos Portugueses (AAP). É neste contexto que se inscreveu como sócio em várias instituições da especialidade, entre as quais a *Société Préhistorique Française*, a *Association Française pour l'étude du Quaternaire*, a AAP, a Associação Portuguesa de Geólogos e a Sociedade de Geografia de Lisboa.

Novos rumos: 1970-1979

Em 1970, M. Ramos é designado vogal da comissão orientadora da investigação científica na área de Cahora Bassa alargando, assim, a sua ação a Moçambique e contribuindo para o desenvolvimento dos estudos de geologia do quaternário e da arqueologia pré-histórica daquela região (Ramos, 1973), esperando «[...] *que este alargamento de atividades possa contribuir, de algum modo, para o desenvolvimento dos estudos de Geologia do Quaternário e de Arqueologia Pré-histórica no âmbito da Junta [JIU].*» (Arquivo IICT, 1970). Manifestou, no entanto vontade de continuar a estudar os artefactos resultantes da sua missão a Angola e preocupação face à carência de infraestruturas para a análise de todos os materiais provenientes das missões científicas:

Creio ser da maior conveniência e oportunidade pensar-se na preparação de pessoal científico e na ampliação da Secção de Pré-história, em moldes que permitam responder convenientemente às exigências, cada vez maiores, dos diversos problemas arqueológicos das nossas Províncias Ultramarinas (Arquivo IICT, 1970).

M. Ramos acumulou, neste mesmo ano, a direção do CEA da JIU, chefiou, entre 1971 e 1972, a Missão da Brigada de Estudos de Pré-história e Arqueologia do Vale do Zambeze – área de Cahora Bassa (BEPAVZ) (Rodrigues, 2004) (Castelo, 2014) e foi designado, em 1972, vogal da Comissão Orientadora do Atlas do Ultramar Português, por despacho ministerial, constituindo uma «[...] *grande honra colaborar em tão vultosa obra e tenho esperança que a mesma permita incrementar os trabalhos relacionados com a elaboração da Carta Arqueológica do Ultramar, assunto sobre o qual já tive ocasião de submeter algumas sugestões.*» (Arquivo IICT, 1972).



Figura 011 – Comprovativo do pagamento das quotas da Associação dos Arqueólogos Portugueses (sócio n.º 578). Arquivo IICT.

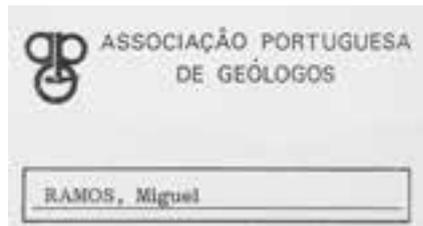


Figura 012 – Cartão de M. Ramos da Associação Portuguesa de Geólogos. Arquivo IICT.



Figura 013 – “Memorando” sobre a deslocação de M. Ramos a Moçambique, no âmbito do Grupo de Trabalho para Apoio à Investigação Científica, 1970. Arquivo IICT.

Os anos setenta foram, sem dúvida, anos de afirmação científica para M. Ramos, tendo sido solicitado para vários assuntos. Disso é exemplo a coordenação dos trabalhos do III Congresso Nacional de Arqueologia (Porto, 1973), relativos à arqueologia ultramarina, assim como a organização, neste mesmo ano, das coleções de artefactos pré-históricos do Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra. Em 1976, foi nomeado investigador efetivo da, então, Junta de Investigações Científicas do Ultramar (JICU) e, em 1977, integrou a comissão avaliadora da criação do Museu Português do Homem (Arquivo IICT, 1977).

Visitou, ainda nesta década, diversas instituições nacionais e estrangeiras. M. Ramos conseguiu estabelecer contatos com organismos congéneres, observou realidades semelhantes e atualizou-se sobre investigações conduzidas além-fronteiras sobre pré-história de África. Foi neste âmbito que visitou o Museu Arqueológico de Madrid, o departamento de pré-história do Museu do Homem, o Instituto de Paleontologia Humana e o Museu Nacional de História Natural de Paris. Em 1971, deslocou-se ao Museu de História Natural de Nova Iorque e,



Figura 014 – Aspeto geral de um dos acampamentos da Missão da Brigada de Pré-história e Arqueologia ao vale do Zambeze – área de Cahora Bassa, 1971/1972. Arquivo IICT.

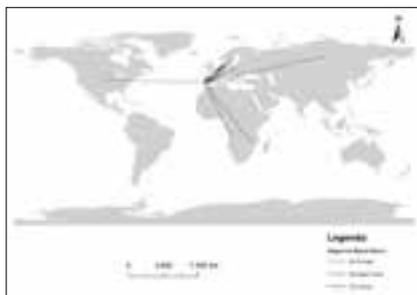


Figura 015 – Viagens de M. Ramos pelo mundo em estágios, missões científicas e visitas a Instituições relacionadas com as suas investigações científicas.

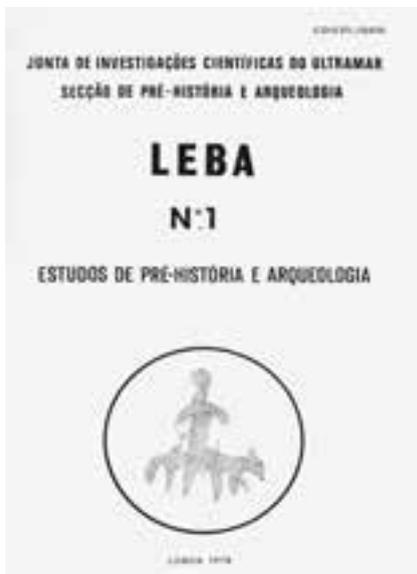


Figura 016 – Página do número 1 da Revista *Leba. Estudos de Pré-história e Arqueologia*, 1978.

dois anos depois, aos departamentos de arqueologia do Museu Britânico e ao Laboratório de Arqueologia da Universidade de Oxford. Em 1975, foi recebido no Instituto de Pré-história e Geologia do Quaternário da Universidade de Bordeaux e, em 1976, conheceu o Instituto de Estudos Africanos da Universidade de Varsóvia.

Em 1978, M. Ramos atingiu uma nova etapa da sua carreira de investigador, ao editar a revista *Leba. Estudos de Pré-História e Arqueologia*, da secção de pré-história da JICU, por ele pensada e concretizada, com vista ao desenvolvimento, atualização e discussão dos vários temas relacionados com a pré-história de África, sendo que,

com a publicação do primeiro número desta série preenche-se uma lacuna que não se poderia por mais tempo deixar em aberto [...] Assistia-se à dispersão, quase sistemática, não apenas dos resultados das pesquisas efectuadas pela própria Junta, mas, o que tornava por vezes bastante penoso, dos trabalhos elaborados por investigadores pertencentes a outras instituições (Ramos, 1978: 9).

Quanto ao título da revista, ficou a dever-se à importante estação arqueológica da Leba, marco incontornável no estudo do paleolítico de Angola, escavada por J. Camarate França, entre 1950 e 1953, prestando-se, assim, tributo a este investigador «[...] que foi ilustre colaborador desta casa, onde se mantém vivo o culto da sua memória.» (Ramos, 1978: 10).

Afirmção: 1981-1991

A década de oitenta foi de concretizações. Há muito que M. Ramos se debatia pela reunião dos materiais arqueológicos recolhidos no quadro de missões a África e das,

coleções de arqueologia não europeia, com especial incidência nos materiais arqueológicos provenientes dos territórios onde mais acentuada foi a acção dos portugueses, nomeadamente nas actuais Províncias Ultramarinas [...] procurando evitar a dispersão de objetos que terão muito interesse científico quando agrupados, mas que dispersos por vários serviços oficiais, ou mesmo na mão de particulares, se apresentam destituídos de valor de conjunto e até com riscos de se virem a perder (Arquivo IICT, 1974).

Foi neste cenário e após variadas diligências, que, em abril de 1983, o, então já, Instituto de Investigação Científica Tropical (IICT), passou a integrar um centro autónomo de pré-história e arqueologia. Dirigido por M. Ramos, este centro congregou, num só espaço, todas as coleções arqueológicas existentes na instituição (Senna-Martinez *et alia*, 2013). Foi dotado das infraestruturas necessárias ao desenvolvimento dos trabalhos científicos em curso, delas se destacando laboratórios especializados em restauro, análise morfológica e sedimentologia, a par de gabinetes de desenho técnico, de fototeca, cartoteca e de uma biblioteca especializada (IICT, 1983). Paralelamente à criação de condições técnicas essenciais ao bom funcionamento do novo centro, promoveu a formação de pessoas de modo a que obtivessem os conhecimentos fundamentais à realização dos mais diversos trabalhos relacionados com os estudos pré-históricos, arqueológicos e geológicos do quaternário do Ultramar, respondendo assim a uma série de preocupações expressadas décadas antes por colegas



Figura 017 – Fotografia de M. Ramos no CPHA, 1983. Arquivo IICT.

de outras áreas científicas (Martins, 2011). O Centro, agora com os meios necessários para o efeito, passou a receber estagiários, alunos universitários, investigadores de instituições nacionais e internacionais com planos de trabalho idênticos, criando-se uma forte rede de cooperação e intercâmbio (Roque *et alia*, 2006). A par destas movimentações, M. Ramos prosseguiu os trabalhos de gabinete relativos aos artefactos recolhidos no SW de Angola, somando-se-lhes o inventário e o estudo dos materiais arqueológicos reunidos pela Missão da BEPAVZ (Ramos, 1979b).

Entretanto, o projeto “Levantamento Arqueológico de Moçambique”, em parceria com a Universidade de Eduardo Mondlane (Ramos, 1986), permitiu a M. Ramos, com base nos levantamentos já efetuados e nas informações de outros investigadores (Ramos, 1990: 49), elencar as estações arqueológicas inacessíveis após o enchimento da barragem de Cahora Bassa e que suportariam a elaboração da carta arqueológica. Em paralelo, continuou a analisar as estações da Idade do Ferro Africana, co-autorando um estudo sobre cerâmica chinesa encontrada junto à vila do Zumbo (Ramos *et alia*, 1978), e orientou o projeto “Remoção e reconstituição de uma torre de um forte português em África”, na zona de Cachomba (que não viria a concretizar-se) (Ramos *et alia*, 1979); (Ramos, 1990). Pretendeu contribuir, também desta forma, para o estudo do quaternário, pré-história e arqueologia de Moçambique, assim como de Angola. M. Ramos interessou-se também, embora em menor escala, por outras geografias culturais e cronológicas, como foi o caso de Timor. Neste sentido, redigiu um artigo, em co-autoria, sobre o espólio encontrado em contexto sepulcral (Ramos *et alia*, 1980).

É também disso exemplo, Portugal continental, para o qual delineou um projeto destinado a examinar as formações dunares e os fósseis depositados durante o quaternário nos arredores de Lisboa, entre a Ericeira e o Cabo Espichel (Ramos, 1986).

Ciente da importância da interdisciplinaridade em pré-história e arqueologia e conhecendo as diferentes valências científicas existentes no IICT, M. Ramos não hesita, em colaborar em projetos transversais à instituição que incorporava. Foi o caso do Centro de Pedologia Tropical, onde participou na identificação e recolha de um artefacto arqueológico nos solos ferralíticos da região do Hoque (província da Huíla, Angola) (Ricardo, 1981).



Figura 018 – Notícia da revista “Costa do Sol”, datada de 5-9-1973, dando conta do aditamento escrito por M. Ramos ao livro “A Pré-história da África”, de J. Desmond Clark.



Figura 019 – Torre nordeste (NE) do Forte de Cachomba, Moçambique, 1972. Arquivo IICT.



Figura 020 – Organograma base elaborado por M. Ramos para a reestruturação do Museu Nacional de Arqueologia (MNA), 1980. Arquivo IICT.

de pré-história e arqueologia cooperaria na preparação especializada de funcionários daquela instituição, tanto em Angola como em Portugal. Considerando a necessidade de formar arqueólogos, M. Ramos foi chamado a elaborar um esquema curricular para um curso médio em arqueologia (quatro anos), inexistente em Angola, contemplando, entre outras, as disciplinas de geologia e paleontologia, pré-história geral e pré-história de África, noções gerais de tipologia, desenho, fotografia e técnicas de campo e de laboratório, bem como sobre a carta arqueológica de Angola e museologia/proteção do património arqueológico.

Em 1988, M. Ramos participou nas escavações arqueológicas conduzidas na zona de Benguela «[...] *superiormente autorizado por Despacho do Senhor Secretário de Estado do Ensino Superior [...] a fim de participar numa missão internacional sob a égide do Centro Internacional das Civilizações Bantu (CICIBA) e da Secretaria de Estado da Cultura do Governo angolano.*» (Arquivo IICT, 1988). Percorreu, de igual modo, uma ampla distância entre o Lobito e a Baía Farta descobrindo, nos trabalhos levados a cabo na estação de Mormolo 4, vestígios de um fóssil de elefante (Guttierez, 2001).

Conjuntamente a outras atividades, M. Ramos exerceu funções de coordenação científica, a exemplo do Grupo de Trabalho Português para o Estudo do Quaternário (GTPEQ) (1982). O GTPEQ realizou várias conferências e sessões de comunicações com a presença de diversos especialistas no Quaternário. Foram os casos de António Galopim de Carvalho (1931-), Miguel Telles Antunes (1937-) e Gaspar Soares de Carvalho (1920-). É, ainda, designado pelo Instituto Nacional de Investigação Científica delegado oficial de Portugal no X Congresso Internacional da INQUA (Moscou, 1982), e cooperou na organização da I Reunião do Quaternário Ibérico (Lisboa, 1985), integrando a respetiva Comissão Científica (IICT & FGC, 1985). Saliente-se, de igual maneira, a sua participação na Comissão

A colaboração de M. Ramos não se restringiu, contudo e como já observámos, ao IICT. Em 1980, por exemplo, é chamado a dar parecer sobre a reestruturação do Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa⁴, num período em que o novo quadro político vigente estimulava a remodelação de espaços museológicos e a implementação de uma renovada linguagem museográfica. Neste mesmo ano M. Ramos deslocou-se ao Instituto de Antropologia da Universidade do Porto para examinar os materiais arqueológicos recolhidos pela Missão Antropológica de Moçambique (MAM), com vista ao seu aproveitamento museológico e científico.

Mas, Angola continuava a centralizar as suas investigações. Por isso, desenvolveu uma significativa cooperação com o Museu Nacional de Arqueologia de Angola, em Benguela e, em especial, com o seu diretor, Luís Pais Pinto. Acordou, por exemplo, que a secção

⁴ A museologia começava a ser mais um dos focos de interesse de Miguel Ramos, potenciando a sua inscrição na Associação Portuguesa de Museologia (APOM) (1981).



Figura 021 – Carimbo do Grupo de Trabalho Português para o Estudo do Quaternário (GTPEQ), com sede no CPHA, 1982. Arquivo IICT.



Figura 022 – Sumário da primeira aula lecionada por M. Ramos na Escola Superior de Tecnologia de Tomar (ESTT), 1990.

Nacional de Estudos Africanos, enquanto representante dos arqueólogos no âmbito das ciências humanas e vogal da respetiva Comissão Coordenadora (1984).

Conjuntamente a estas atividades e investigações científicas, M. Ramos foi convidado, em 1982, por Carlos M. Baeta Neves (1916-1992), Professor do Instituto Superior de Agronomia (ISA), a colaborar na licenciatura em arquitetura paisagística. As suas aulas versaram sobre vários tipos de jazidas e monumentos arqueológicos, inerente interesse cultural e científico, cuidados a assumir para evitar a sua destruição, entidades tutelares da sua conservação e definição de respetivas áreas de proteção. Nesta linha, foi-lhe atribuída, em 1985, e a pedido do Professor Augusto Mesquitela Lima (1929-2007), a orientação científica e pedagógica do seminário de pré-história e arqueologia africanas, organizado pelo Instituto de Estudos Africanos da Universidade Nova de Lisboa (UNL). Por fim, no último ano de vida, lecionou a disciplina “arqueologia africana” do curso de arqueologia da Escola Superior de Tecnologia de Tomar (ESTT).

M. Ramos não se circunscreveu, todavia, à docência. Coordenou também estágios e monografias científicas, nos quais salientou interesse por áreas recentes à época, como a deteção remota aplicada à arqueologia. Razão bastante para a sua participação nos seminários “Arqueologia Espacial” e “A Deteção Remota por Avião e Satélite em Arqueologia”, e orientação do estágio decorrido no CPHA do IICT, subordinado ao tema “Aplicação de deteção remota e de processamento digital de imagem em Arqueologia”, enquanto estabelecia um protocolo de cooperação com o Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC), que disponibilizou as tecnologias necessárias à prossecução de diferentes atividades inscritas no projeto “Digitalização de dados relativos à bacia do Zambeze (Moçambique)”, (Arquivo IICT, 1989).

Algumas reflexões finais, propostas de análise e novos desafios

Em suma, M. Ramos, geólogo de formação, traçou vários percursos ao longo das cerca de quatro décadas dedicadas à investigação científica nas áreas da pré-história, arqueologia e quaternário de África, disciplinas sobre as quais incidiu a sua constante especialização. M. Ramos abraçou diversos projetos no continente africano e em Portugal continental, foi solicitado de diferentes formas, conferiu consultadoria científica, organizou conferências, redigiu artigos, participou em grupos de trabalho e instituições de relevo nacional e internacional e colaborou em projetos noutras áreas do IICT. Além disso, envolveu-se em projetos externos e transversais a esta instituição, dando aulas em contexto universitário, apoiou estagiários e investigadores e destacou-se por contributos prestados à comunidade científica, em geral. Debruçou-se, ainda, sobre a análise das formações dunares e fósseis depositadas durante o quaternário, entre a Ericeira e o Cabo Espichel (Ramos, 1986); dirigiu, em Moçambique, a brigada responsável pelo estudo arqueológico da área a inundar pela albufeira de Cahora Bassa; participou no projeto “Carta Arqueológica de Moçambique” e estudou várias estações arqueológicas e respetivos artefactos. Por fim, refletiu, para o caso de Timor, acerca de objetos depositados no CPHA procedentes de missões científicas. Cruzados os seus múltiplos percursos, neles se destaca o de Angola. Aqui dirigiu a primeira grande missão de estudos arqueológicos ao SW do território, onde identificou estações arqueológicas, recolheu milhares de artefactos, reviu tipologias líticas e reconheceu um horizonte cultural específico do Paleolítico.

Ademais, M. Ramos debateu-se fortemente pela autonomia de um centro de pré-história e arqueologia no IICT que reunisse, num mesmo espaço, todas as coleções provenientes das missões científicas que se encontravam, até então, dispersas; formou estagiários, alunos universitários, investigadores e colaboradores em pré-história, arqueologia e geologia do quaternário. Contribuiu, ainda, para o estreitamento de relações com instituições congéneres, nacionais e internacionais, com planos de trabalho idênticos, a exemplo do Museu Nacional de Arqueologia de Benguela e da Universidade Eduardo Mondlane, em Maputo. A este conjunto de atividades, haverá que somar outros contextos e dinâmicas de investigação, assim como o despertar do interesse pela deteção remota aplicada à arqueologia, uma novidade para a realidade arqueológica portuguesa.

De uma forma geral, a carreira científica de M. Ramos consolidou-se na segunda metade da década de setenta. Observação trivial, não fosse o caso de se inscrever, de alguma maneira, no pano de fundo que era, à época, a arqueologia praticada no nosso país.

Mas, se o dobrar dos anos sessenta foi decisivo no alicerçar da ciência arqueológica entre nós, com a multiplicação de iniciativas reforçadoras da sua docência, estudos de terreno e de gabinete, conservação, apresentação, divulgação e gestão de coleções e sítios, foram os anos setenta a reunir as condições basilares à rutura epistemológica ansiada há muito. Abertura pretendida, sobretudo, por toda uma geração de futuros arqueólogos expectante que a ‘Primavera Marcelista’ (1968-1970) se cumprisse na plenitude, modernizando e liberalizando o nosso quotidiano. Mormente, no que se referia à realidade arqueológica, ainda liderada por quem persistia em modelos histórico-culturalistas e funcionalistas, descontextualizados face à nova panaceia processual da neopositivista *New Archaeology* (1958). Neste sentido, assume-se de particular relevância, ao mesmo tempo que singularidade, o caso de M. Ramos. Assomado, a um primeiro olhar menos atento, algo isoladamente, pelos temas que versou, quase exclusivos da instituição que o integrou, apercebemo-nos como se inscreveu na linha estruturalista de pensamento arqueológico francesa de nomes incontornáveis dos estudos paleolíticos, como os de André Leroi-Gourhan, no *Collège de France*, Anne Laming-Emperaire (1917-1977), no *Musée de l’Homme*, Jacques Tixier (1932-2011), no

Institut de Paléontologie Humaine e em Pincevant. Percurso de complemento académico muito similar ao trilhado pela denominada ‘Geração do Tejo’, que lhe adveio e à qual somos (em grande parte) devedores da renovação da arqueologia pós-25 de Abril (Lemos, 2011: 9) (Martins, 2015a) (Martins, 2015b), juntamente com a ‘escola’ coimbrã, liderada, à época, por Jorge de Alarcão (1934-), regressado, há pouco, de dois anos de estudo no Instituto de Arqueologia da Universidade de Londres.

Incorporando este cenário nacional, a verdade é que M. Ramos permanece ainda numa certa penumbra da nossa historiografia. As razões deste olvido – se de olvido se trata –, assim como a natureza e a dimensão reais do seu contributo científico, têm centralizado esta nossa investigação. Mas, outra situação tem permanecido no seu cerne.

Com efeito, desde o desaparecimento de M. Ramos, em 1991, que o CPHA do IICT foi objeto de diferentes mutações, cuja análise remetemos para outro contexto. De referir, no entanto, que algumas das vicissitudes registadas desde então, impediram a continuidade dos principais projetos abraçados por M. Ramos. Entre eles, o estudo sistemático e ininterrupto dos materiais recolhidos no terreno, mormente no SW de Angola.

Volvidas, contudo, décadas sobre os trabalhos realizados no âmbito da MEASA; afastados quem com M. Ramos colaborou de forma mais próxima; coartadas fontes fundamentais, designadamente manuscritas, por razões ainda não compreendidas na totalidade, os materiais pareciam permanecer silenciosos. Provavelmente, para sempre.

Valeram, entretanto, esforços pontuais (Rodrigues, 2004), (Roque *et alia*, 2006), até que, em meados da primeira década deste novo século, o Programa Interministerial (PI) e Promoção do Saber Tropical (PST) possibilitaram (re)visitar e principiar a (re)ler as coleções arqueológicas depositadas no IICT, agora sob novos olhares e acima de tudo, com novos conceitos acentuados pelo compromisso institucional de divulgar os seus arquivos científicos (Martins, 2010a, 2010b e 2011). Paradigma de atuação que substanciou uma nova forma de gerir estas mesmas coleções, incentivando, como M. Ramos procedera, a proximidade aos meios universitários, para neles encontrar quem elaborasse dissertações e teses de doutoramento. Assim se tem, paulatinamente, (re)encontrado a massa crítica esvanecida com a perda de M. Ramos que, por motivos diferentes, não conseguiu – ou não soube (algo a escrutinar no futuro) –, deixar sucessores que sustivessem uma ‘escola’ entre nós, como ocorreu noutros países, nomeadamente em Espanha e França.

Reforçando esta linha de atuação, surge o projeto “Georreferenciação das coleções científicas do IICT” (2014-2020) destinado, sobretudo, conferir uma nova luz às informações produzidas sobre as coleções arqueológicas (Coelho *et alia*, 2014). Financiado pela FCT, este programa de trabalhos recorre às Novas Tecnologias e, principalmente, aos Sistemas de Informação Geográfica (SIG), permitindo, assim, obter um entendimento mais profundo da pré-história e arqueologia de África, perpetuando e divulgando o legado de M. Ramos, razão pela qual se principiou pelos materiais recolhidos em território angolano.

Este projeto visa, de igual modo, preencher uma das principais lacunas observadas na historiografia da arqueologia produzida entre nós. Referimo-nos à quase inexistência de títulos relativos à produção arqueológica conduzida nas, então designadas, Províncias Ultramarinas portuguesas, com destaque para Angola e Moçambique, quer por parte de investigadores deslocados da metrópole, quer por portugueses há muito residentes nestes territórios. Circunstância que atribuímos a diversos fatores, dos quais a proximidade geracional de alguns autores às principais ocorrências da política contemporânea portuguesa não será de subvalorizar, somada à evidência de as missões de estudo no terreno não terem sido retomadas por Portugal. Pelo menos, até recentemente.

Fruto de novos contextos e de envolvimento institucionais – sequentes de empenhos pessoais –, assistimos, entre nós, ao reavivar do interesse pela arqueologia em África, designa-

damente pela África subsaariana. Não surpreende, por conseguinte, o paulatino desdobrar de atividades consagradas a esta temática tão abrangente, possibilitando – ao mesmo tempo que instando –, a leitura e a releitura de materiais gerados por antigos investigadores. Disso são exemplo monografias de final de licenciatura, dissertações de mestrado e teses de doutoramento (Castelo, 2014; 2013 e Rodrigues, 2004) finalizadas e em curso, artigos em revistas de referência internacional, encontros científicos⁵, deslocações ao terreno, estabelecimento de protocolos interinstitucionais e projetos financiados pela FCT⁶.

Assim se reúnem, por fim, as condições basilares à concretização de projetos que primem e primarão pela transversalidade científica e colaboração internacional. Dever-se-á, ao mesmo tempo, atender a quadros específicos esclarecedores de realidades examinadas. Entre eles, a política colonial, a ciência produzida sobre os Trópicos e nos Trópicos, as redes locais de produção, transmissão e receção de conhecimento, e a influência do apelo internacional ao reforço da colaboração científica e dos movimentos independentistas registados em antigas colónias africanas na procura pela incorporação da intelectualidade local em projetos de investigação (Conde *et alia*, 2015). Tudo, em ambiente pós-colonial e num cotejar permanente com realidades arqueológicas similares verificadas em territórios circunvizinhos das antigas províncias ultramarinas portuguesas.

Referências bibliográficas

- Arambourg, Camille e Mouta, Fernando (1952), Sur le paléolithique du district de Malange (Angola), Les grottes e fentes a ossements du sud de l'Angola. Comunicação apresentada no *II Congresso de Pré-história Africana*.
- Breuil, Henri e Almeida, António de (1964), Introdução à Pré-História de Angola. *Estudos sobre a pré-história do Ultramar português*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, Memórias, n.º 50.
- Castelo, Inês (2014), *Traços da presença portuguesa no Vale do Zambeze entre os sécs. XVI-XIX à luz das pesquisas realizadas pela Brigada de Estudos de Pré-história e Arqueologia (JIU) entre 1971 e 1972*. Texto policopiado. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Choffat, Paul (1888), *Matériaux pour l'étude stratigraphique et paléontologique de la province d'Angola*. Genève. [Texto policopiado].
- Clark, John Desmond (1966), The distribution of prehistoric culture in Angola. *Diamang – Publicações culturais da Companhia de Diamantes de Angola*, n.º 73.
- Coelho, Ana Godinho, Pinto, Inês & Casanova, Maria da Conceição (2014), A coleção arqueológica do IICT no novo milénio. *Antrope*, n.º 1, pp. 6-22.
- Coelho, Ana Godinho, Pinto, Inês (2014), Artefactos de Capangombe Velho, Angola: um projeto para o futuro. Comunicação apresentada no *seminário de Arqueologia em África: conceitos, práticas e projectos*.
- Conde, Patrícia; Martins, Ana Cristina & Senna Martinez, João Carlos (2015), Archaeological connections: Tracking and tracing international relations through Portuguese colonialism, *BAR – British Archaeological Reportsque*, In Dáz-Andreu, Margarita & Fernández, Victor (no prelo).
- França, José Camarate (1952), Descobertas pré-históricas nos arredores de Moçâmedes. *Mensário Administrativo*, 55-56, pp. 47-50.

⁵ Exemplos, como o 8.º Seminário da Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa, *Arqueologia em África: conceitos, práticas e projectos*, realizado a 26 de Novembro de 2014, com a participação de vários investigadores portugueses e de dois colegas espanhóis, assim como o *Seminário Internacional de Arqueologia Africana, África, arqueologia e paisagem, ocorrido entre 3 e 5 de Junho de 2015, com a colaboração de diversos especialistas nacionais e estrangeiros*.

⁶ Caso do PTDC/VC-HFC/5017/2012, "PROMEMICI. Protagonistas e memórias das missões científicas. Arqueologia e agenda colonial portuguesa", financiado pela FCT e acolhido no IICT, e da responsabilidade de Ana Cristina Martins, uma das signatárias deste artigo.

- _____ (1955), Pré-história de Angola. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, n.º 73: 7-9, pp. 400-404.
- _____ (1964), Nota preliminar sobre uma gruta pré-histórica do planalto da Humpata. *Memórias*, n.º 50, 2, pp. 59-68.
- Gutierrez, Manuel (2001), La préhistoire de l'Angola: des précurseurs à aujourd'hui. *Afrique, archéologie et arts*, 1, pp. 16-29.
- Instituto de Investigação Científica Tropical (1983), *Da Comissão de Cartographia (1883) ao Instituto de Investigação Científica Tropical (1983): 100 anos de História*. Lisboa: IICT.
- Instituto de Investigação Científica Tropical; Fundação Calouste Gulbenkian (1985), *I Reunião do Quaternário Ibérico*. Actas, V. 1. Lisboa.
- Leroi-Gourhan, André & Brézillon, Michel (1972), *Fouilles de Pincevent. Essai d'analyse ethnographique d'un habitat magdalénien (La Section 36)*, Paris: Éditions Du Centre National de la Recherche Scientifique.
- Matos, Daniela de (2012), *Tecnologia Lítica da Middle Stone Age da Gruta da Leba (Huila, SW Angola)*. Texto policopiado. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade do Algarve.
- Martins, Ana Cristina (2010a), A Arqueologia nas missões científicas: *ad initium*. In Martins, Ana Cristina & Albino, Teresa, eds. lits. – *Viagens e missões científicas aos Trópicos. 1883-2010*, Lisboa: IICT, pp. 99-105.
- _____ (2010b), (Re)Conhecer para ocupar. Ocupar para (re)conhecer. A colonização científica do além-mar. In Martins, Ana Cristina & Albino, Teresa, eds. lits. – *Viagens e missões científicas aos Trópicos. 1883-2010*, Lisboa: IICT, pp. 26-33.
- _____ (2011), Colher plantas. Semear ideias. Luiz W. Carrisso (1886-1937) e a Ocupação científica das colónias portuguesas (1934). In Fiolhais, Carlos, Simões, Carlota & Martins, Décio, *Atas do Congresso Luso-Brasileiro de História das Ciências*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 372-389.
- _____ (2015a), Arqueologia em transição: actores, métodos e projectos no Portugal dos anos 70 (apreciação inicial). *Actas del III Congreso Internacional de Historia de la Arqueología*, Madrid: Museo Arqueológico Nacional (no prelo).
- _____ (2015b), The 'Generation Tagus' in archeology in Portugal: transition, innovation or 'revolution'? (a first analysis), *BAR – British Archaeological Reports*, In Díaz-Andreu, Margarita & Fernández, Victor (no prelo).
- Preucel, Robert W. Hodder, Ian (eds.) (1996), *Contemporary archaeology in theory. A reader*, Oxford: Basil Blackwell Publishers.
- Ramos, Miguel (1966), Indústrias líticas da região de Ponte de Sor: notas sobre o Quaternário e a Pré-história. *Boletim do Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico da Faculdade de Ciências*, v. 10 (2). Lisboa, pp. 139-146.
- _____ (1967), *Relatório sucinto de uma missão de estudo ao sudoeste de Angola (18 de Setembro de 1966 a Março de 1967)*. Lisboa. [Relatório datilografado].
- _____ (1968), Achados líticos na região de Reguengos de Monsaraz: notas sobre o Quaternário e a Pré-história. *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal*, v. 16. Lisboa, pp. 237-251.
- _____ (1970), Algumas descobertas recentes no sudoeste de Angola, (nota prévia). *Actas das I Jornadas Arqueológicas*. Lisboa, pp. 4-14.
- _____ (1973), Explorações Arqueológicas na área de Cabora Bassa. Separata das *Atas das II Jornadas Arqueológicas*, v. 1. Lisboa.
- _____ (1974), Acerca da tipologia das achas no acheulense de Angola: o caso de Capangombe, Santo António. In *memoriam António Jorge Dias*, v. 3. Lisboa, pp. 313-324.
- _____ (1979a), Gravuras rupestres de Monte Negro (Angola). *Leba: Estudos de Pré-História e Arqueologia*, n.º 2. Lisboa, pp. 11-43.
- _____ (1979b), Contribution portugaise à l'étude archéologique de la Vallée du Zambèze. *Leba: Estudos de Pré-História e Arqueologia*, n.º 2, Lisboa, pp. 45-52.

- _____ (1980a), Le gisement acheuléen de Capangombe – St. António (Angola). *Leba: Estudos de Pré-História e Arqueologia*, n.º 3. Lisboa, pp. 15-21.
- _____ (1980b), Museu Nacional de Arqueologia: uma hipótese de estrutura. *Leba: Estudos de Pré-História e Arqueologia*, n.º 3. Lisboa, pp. 59-66.
- _____ (1981), As escavações de Capangombe e o problema da M.S.A. no sudoeste de Angola. *Leba: Estudos de Pré-História e Arqueologia*, n.º 4. Lisboa, pp. 29-35.
- _____ (1982), Le paléolithique du sudouest de l'Angola: vue d'ensemble. *Leba: Estudos de Pré-História e Arqueologia*, n.º 5. Lisboa, pp. 43-52.
- _____ (1986), Relatório das Actividades desenvolvidas (1 de Dezembro e Janeiro de 1986). Lisboa. [Relatório datilografado].
- _____ (1988), Relatório sobre a Missão Arqueológica Internacional ao Museu Nacional de Arqueologia de Angola (Benguela) (15 a 30 de Abril de 1988). Lisboa. [Relatório datilografado].
- _____ (1990), A estação pré-histórica de Cachomba (Vale do Zambeze – Tete, Moçambique). *Homenagem a J. R. dos Santos Júnior*, vol.I. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, pp. 47-53.
- Ramos, Miguel; Rodrigues, Maria da Conceição (1978), Nota acerca de achados de cerâmica no Zumbo (Moçambique). *Leba: Estudos de Pré-História e Arqueologia*, n.º 2. Lisboa, pp. 59-66.
- _____ (1979), Projecto de remoção e reconstituição de uma torre de um forte português em África. *Leba: Estudos de Pré-História e Arqueologia*, n.º 2. Lisboa, pp. 53-65.
- _____ (1980), *Espólios sepulcrais timorenses*. *Leba: Estudos de Pré-História e Arqueologia*, n.º 3. Lisboa, pp. 47-57.
- Ricardo, Rui Pinto; Monteiro Marques, Manuel & Ramos, Miguel (1981), Nota sobre o processo de formação dos solos ferralíticos da região do Hoque (província da Huíla, Angola). *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal*, v. 22, Lisboa: Sociedade Geológica de Portugal, pp. 337-347.
- Rodrigues, Maria da Conceição (2004), *A Arqueologia em Moçambique nas “Missões Científicas” da antiga Junta de Investigações do Ultramar de 1936-1972*. Texto policopiado. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade de Coimbra.
- Roque, Ana Cristina; Ferrão, Lúvia (2006), Centro de Pré-História e Arqueologia do Instituto de Investigação Científica Tropical: percursos e perspectivas. Comunicação apresentada no *XV Congresso da União Internacional das Ciências Pré-Históricas e Proto-Históricas*.
- Senna-Martinez, João de, Martins, Ana Cristina & Coelho, Ana Godinho (2013), O excentro de Pré-História e Arqueologia do IICT: um arquivo para a história da ciência. O caso do sudoeste de Angola. Poster apresentado no *Colóquio Internacional: Conhecimento e Ciência Colonial*. Lisboa.
- Tixier, Jacques (1957), Le hachereau dans l'Acheuléen nord-africain. Notes typologiques. *Congrès Préhistorique de France*, XV session. Poitiers.
- Trigger, Bruce G. (1992), *Historia del pensamiento arqueológico*. Barcelona: Ed. Crítica.

Fontes manuscritas

- Arquivo IICT. Nuno Manuel de Carvalho Santos. Instituto de Investigação Científica Tropical, Secção de Secretariado, Expediente e Arquivo.
- Arquivo IICT. Centro de Pré-história e Arqueologia. Processo n.º 292. 1. Instituto de Investigação Científica Tropical, Secção de Secretariado, Expediente e Arquivo.
- Arquivo IICT. Miguel António Pires da Fonseca Ramos. Processo n.º 867. Instituto de Investigação Científica Tropical, Secção de Secretariado, Expediente e Arquivo.